

I – SINOPSE

O meirinho (oficial de justiça de nível inferior) Leonardo Pataca e a saloia (camponesa) Maria da Hortaliça, vindos juntos de Portugal têm um filho ilegítimo, Leonardo, personagem central do livro. Seu batizado, que termina numa festa animada, é o primeiro momento em que aparece em sua vida o temido Major Vidigal, terror da malandragem carioca, representante da lei e da ordem.

Separados os pais, por causa da infidelidade crônica da Maria da Hortaliça, o menino Leonardinho, aos sete anos, é adotado e criado pelo barbeiro seu padrinho (o Compadre), com a ajuda da madrinha, uma parteira (a Comadre). O padrinho, apaixonado pelo garoto, faz de tudo para encaminhá-lo na vida e transformá-lo em sacerdote, mas Leonardinho, preguiçoso e bagunceiro, só sabe aprontar confusão, na escola e na igreja onde serve de coroinha – acaba sendo expulso das duas instituições e cresce na rua, desocupado e malandro.

Na entrada da vida de adulto, nosso anti-herói romântico apaixonou-se por Luisinha, sobrinha da D. Maria, conhecida dos padrinhos. A tia, revoltada com as intrigas e armações da parteira para favorecer Leonardinho, acaba por entregar Luisinha a José Manuel, um malandro finório, contumaz caça-dotes e fofoqueiro.

O padrinho barbeiro falece, o que força Leonardo a ir morar com o pai, Leonardo Pataca – este, depois de uma infeliz aventura amorosa com uma cigana que o deixou pelo mestre de cerimônias da igreja onde seu filho fora coroinha, encontra-se agora casado com Chiquinha, a filha da Comadre. A madrasta não vai com a cara do Leonardo filho, o que o leva a discutir com o pai e fugir de casa. Na rua, encontra um ex-colega coroinha, o Tomás da Sé, que o recebe como agregado. Na casa do seu amigo-protetor, Leonardo conhece Vidinha, uma mulata de vinte anos que se torna seu novo amor. Também começa a ter problemas constantes com o

major Vidigal, que deseja prendê-lo por vadiagem. Quando Vidigal parece obter sucesso, Leonardo consegue escapular e se torna uma lenda no Rio de Janeiro. Para fugir de encrencas, nosso herói arranja emprego na despensa real. Lá, arranja também um caso com a mulher de um colega, o que o leva a uma confusão danada com Vidinha e à prisão, nas mãos do Vidigal.

Transformado em soldado de milícias (tropa de guarda) por Vidigal (que pretende vigiá-lo de perto), Leonardo arranja mais encrencas: primeiro, participa de um fado (festa de vadios com música, dança e até alguma representação) em que se satiriza o major; depois, na festa de aniversário de seu pai, ajuda o malandro Teotônio a escapar do mesmo Vidigal, quando devia ajudar a prendê-lo.

A madrinha de Leonardo, desesperada, recorre à D. Maria, que se arrependera de não ter entregue a sobrinha ao Leonardo, uma vez que agora sofria nas mãos de José Manuel. As duas procuram a Maria Regalada, amante do Vidigal, que aceita interceder pelo nosso herói. Leonardo é solto e promovido a sargento de milícias, além de receber a pequena herança que o padrinho lhe deixara, o que lhe permite, enfim, desposar Luisinha, que subitamente enviuvara. Atingimos, enfim, o “final feliz” típico do desfecho das peripécias dos folhetins românticos.

Observe-se que o enredo transcrito acima serve para costurar uma profusão de outros episódios. As personagens – em particular a principal, Leonardo (ou Leonardinho, como era chamado até a adolescência) – se envolvem em todo tipo de acontecimentos divertidos, que fazem da narrativa uma sucessão vertiginosa de episódios que servem ao narrador-autor para descrever os tipos, ambientes e costumes do Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX.

II – PERSONAGENS

Em *Memórias de um sargento de milícias*, destaca-se um **grande número de personagens, que se revezam, com Leonardo, no primeiro plano da narrativa** (ao contrário do que ocorria no típico folhetim do Romantismo, em que a atenção era concentrada no par romântico). A quantidade e variedade de personagens serve para montar um **painel das classes menos favorecidas na pirâmide social da primeira metade do século XIX** (à exceção, claro, dos escravos), gente que, para sobreviver e/ou se arranjar na vida, dependia das **relações de compadrio e/ou proteção social** (em contraste com o folhetim típico, em que os personagens eram do topo da pirâmide). Repare-se no grande número de **personagens referidos por apelidos ou profissões** (barbeiro, parteira, das Maria da Hortaliça, Maria Regalada etc), o que revela sua posição menos nobre na sociedade.

Leonardo é um digno representante dessa classe: avesso ao trabalho (que geralmente não compensa...), sobrevive da camaradagem dos conhecidos, da proteção de amigos(as) e amigos(as) de amigos(as), confiando na sua simpatia e no destino, divertindo-se ao máximo nos intervalos de boa sorte. É **o típico malandro**, que “se vira” para se dar bem na vida ou, pelo menos, se livrar das encrencas e do trabalho duro. Enfim, à primeira vista, o **anti-herói romântico** acabado; mas é bom lembrar que, ao final, ele **acaba abandonando a malandragem e conquistando seu lugar na ordem social**: arranja um emprego fixo, recebe uma herança, casa-se com uma moça de boa família.

III – “ERA NO TEMPO DO REI”

O título do livro (“memórias”) já denuncia sua **intenção de retratar uma época, seus ambientes, tipos e costumes**. Este retrato de um tempo antigo aparece em vários aspectos da narrativa:

- os **ambientes descritos**: as ruas e praças do Rio daquele tempo, as festas populares (em particular as religiosas, mas também as profanas, como a de aniversário da cigana, ou o fado no alto do morro);

- os **costumes** daquele tempo: os fuxicos entre vizinhos, a maneira de namorar, o peso das autoridades e sua maneira personalista de lidar com a lei (é o caso do Vidigal);

- as **personagens: em sua imensa maioria, são típicas**, isto é, representam tipos populares comuns

da época (por exemplo: atente para a explanação sobre o meirinho e seu papel e importância na sociedade do tempo em que se passa a narrativa);

- a **linguagem**: uma **linguagem de época**, inclusive com o registro de gírias e de uma maneira específica de falar do “tempo do rei”, caracteriza toda a narrativa.

IV – LINGUAGEM

Apesar de que uma certa naturalidade ao narrar seja uma marca dos folhetins românticos, em *Memórias de um sargento de milícias* temos a obra em que o **coloquialismo** atinge seu auge em nosso Romantismo, o que você pode perceber:

- na **descontração do narrador** ao contar a história, empregando um certo “estilo jornalístico”, bem mais à vontade do que aquele empregado, por exemplo, por um José de Alencar;;

- na **linguagem das personagens, bastante natural**, marcada pela informalidade típica da fala e registrando expressões coloquiais de época e gírias;

- no uso constante do **humor**, particularmente da ironia, que substitui o sentimentalismo dos folhetins românticos tradicionais.

V - FIQUE DE OLHO

Memórias de um Sargento de Milícias se passa em um momento de “infância do Brasil”, quando o país começava a construir uma “identidade nacional”. Assim, as chamadas relações de compadrio e proteção que dominam a regulação do mecanismo social da época são importantíssimas para compreendermos alguns aspectos da configuração da nossa sociedade até hoje, como o jeitinho brasileiro, a malandragem e a superposição das relações cordiais à lei.

É bom atentar também para o fato de que fenômenos como a urbanização crescente, a inserção do país na globalização, o desmantelamento do estado com conseqüente avanço da corrupção e o crescimento do banditismo organizado e da violência parecem colocar em xeque estes aspectos.